



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE PESCA E AQUICULTURA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO
OBRIGATÓRIO - ESO

ÉVERTON LUÍS PIRES

RECIFE, JULHO/2017



RIO MARIÉ: RIO DE GIGANTES

Aluno: Éverton Luís Pires

E-mail: everpires@hotmail.com

Telefone: (81) 99755-1178

Relatório de Estágio Supervisionado Obrigatório vinculado ao Curso de Engenharia de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Engenharia de Pesca.

Professor Orientador: Paulo Guilherme
Vasconcelos de Oliveira

RECIFE, JULHO/2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

P667r Pires, Éverton Luís
Rio Marié: Rio de Gigantes / Éverton Luís Pires. – 2017.
60 f. : il.

Orientador: Paulo Guilherme Vasconcelos de Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia de Pesca) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Engenharia de Pesca, Recife, BR-PE, 2017.
Inclui referências e anexo(s).

1. Pescaria 2. Tucunaré (Peixe) 3. Pesca – Amazônia 4. Marié, Rio (AM) I. Oliveira, Paulo Guilherme Vasconcelos de, orient.
II. Título

CDD 639

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Pesca e Aquicultura

Curso de Engenharia de Pesca

Rio Marié: Rio de Gigantes

Éverton Luís Pires

Relatório de Estágio Supervisionado
julgado adequado para a obtenção do título de
Engenheiro de Pesca. Defendido e aprovado em
11/07/2017 pela seguinte Banca Examinadora:

Prof. Dr. Paulo Guilherme Vasconcelos de Oliveira
(Orientador)
Departamento de Pesca e Aquicultura
Universidade Federal Rural de Pernambuco

M. Sc. Pollyana Christine Gomes Roque
(Titular)
Departamento de Pesca e Aquicultura
Universidade Federal Rural de Pernambuco

M. Sc. Isa Marielle Coutinho
(Titular)
Departamento de Pesca e Aquicultura
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Sumário

| | Página |
|--|--------|
| 1. Dedicatória..... | 5 |
| 2. Agradecimentos..... | 6 |
| 3. Resumo..... | 7 |
| 4. Abstract..... | 8 |
| 5. Lista de Figuras..... | 9 |
| 6. Introdução..... | 11 |
| 1.1 O Rio Marié..... | 11 |
| 1.2 Origem do Projeto Marié..... | 11 |
| 1.3 O Projeto Marié..... | 14 |
| 1.4 Gestão Ambiental..... | 16 |
| 1.5 A Espécie Tucunaré..... | 16 |
| 1.5.1 Biologia da Espécie..... | 17 |
| 1.5.2 Comportamento Alimentar..... | 18 |
| 1.5.3 Desova..... | 19 |
| 1.6 Pesca Esportiva..... | 19 |
| 1.7 Pescando no Rio Marié..... | 20 |
| 1.8 Guias de Pesca Esportiva..... | 21 |
| 1.9 Definição da Ocupação do Condutor de Turismo de Pesca..... | 21 |
| 1.10 A modalidade de fly fishing ou pesca com mosca..... | 21 |
| 7. Desenvolvimento..... | 22 |
| 2.1 Início da jornada de trabalho..... | 22 |
| 2.2 Reunião em Tapuruquara-mirim..... | 24 |
| 2.3 A prospecção..... | 26 |
| 2.4 O trabalho no Rio Marié..... | 28 |
| 2.5 Embarcações de pesca soberbas..... | 32 |
| 8. Conclusão..... | 48 |
| 9. Referências Bibliográficas..... | 49 |

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que assim como eu também têm um sonho de realização profissional e buscam trabalhar com aquilo que mais gostam de fazer, procurando a satisfação pessoal em primeiro plano, para então prosperarem financeiramente em suas vidas.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a vida e a oportunidade de evoluir com ela. Aos meus pais por terem me dado todo o apoio necessário para a realização do curso. À minha família por ser a base do que sou hoje. Ao M. Gabriel por ter me dado sempre força e resistência para continuar. À minha namorada por todo incentivo para terminar o curso. Aos amigos e à irmandade do N. Mãe Gloriosa que me acolheram em Recife e me trouxeram suporte emocional sempre quando mais precisei. Ao meu professor orientador, Paulo Guilherme Vasconcelos de Oliveira por todo o incentivo durante o curso e o estágio supervisionado.

Resumo

A ideia de trabalhar como guia de pesca surgiu de um antigo sentimento e vontade de realização profissional de trabalhar com o que realmente se gosta de fazer. Aliada à paixão pela pesca desde criança e a vontade de conhecer a Amazônia, este sonho foi possível através da realização do estágio supervisionado pela empresa Untamed Angling do Brasil, nas águas do Rio Marié.

O Rio Marié é um afluente do Rio Negro e está localizado nas regiões fronteiriças com a Colômbia e Venezuela, a noroeste da Amazônia brasileira. Possui mais de 800 quilômetros navegáveis, com mais de 180 igarapés conhecidos, 60 lagos, e três afluentes principais, sendo toda esta área protegida, inserida em território indígena.

O projeto Rio Marié nasceu através de um termo de referência proposto pelas autoridades competentes que convidava as empresas de turismo de pesca interessadas em apresentar propostas de trabalho para solucionar o problema de desordenamento pesqueiro ocorrido na região por empresas que desconsideravam as comunidades locais e estabeleciam contratos precários.

Com este termo de referência, 14 comunidades locais foram beneficiadas, gerando um capital em torno de R\$ 170 mil anuais apenas em salários, com mais de 1,2 mil pessoas beneficiadas e as diversas melhorias em infraestrutura feita nas comunidades.

Hoje, o Rio Marié destaca-se como a primeira reserva de pesca esportiva legalmente exclusiva de toda a Amazônia, inserida em um território indígena. Esse avanço em prol da pesca esportiva brasileira tem servido de molde para outras operações de pesca que buscam a sustentabilidade das comunidades locais e qualidade de ponta que atenda até mesmo aos pescadores mais exigentes.

Para manter o mérito constatado pelo Ibama de ser o Rio com os maiores tucunarés de todo o Rio Negro, monitoramentos devem ser feitos durante toda a temporada e os dados analisados pelos órgãos competentes para avaliar o esforço de pesca, capacidade do estoque e a continuidade da operação.

Os guias de pesca que trabalham no Rio Marié estão passivos a um processo de aprendizagem mútua, aonde conhecimentos locais se misturam com conhecimentos globais, através do convívio com os guias indígenas e turistas do mundo todo.

Todo o conhecimento técnico transmitido aos turistas pelos guias de pesca, devem ser aliados aos conhecimentos empíricos transmitidos pelos guias indígenas, garantindo assim o bom sucesso nas capturas.

Durante a temporada de pesca, os guias de pesca profissionais são responsáveis em pilotar a embarcação de pesca, auxiliar o pescador amador na captura dos peixes e em sua devolução ao meio, na utilização das melhores iscas, na interpretação do meio ambiente em específico ao meio aquático, bem como, em outras ações correlacionadas no exercício da pesca esportiva.

Abstract

The idea of working as a fishing guide came from an old feeling and willingness to work professionally with what you really enjoy. Allied to the passion for fishing since childhood and a great desire to know the Amazon, this dream was possible through the realization of this trainee experience supervised by the company Untamed Angling do Brasil, in the waters of Marié River.

Marié River is a tributary of the Rio Negro and is located in the border regions with Colombia and Venezuela, northwest of the Brazilian Amazon. It has more than 800 kilometers navigable, with more than 180 known streams, 60 lakes, and three main tributaries, being all this protected area, inserted in an indigenous territory.

This project was born through a reference term proposed by the competent authorities that invited fishing tourism companies interested in presenting work proposals to solve the problem of fishing disorganization in the region by companies that disregarded local communities and established precarious contracts.

With this term of reference, 14 local communities were benefited, generating a capital of around R \$ 170 thousand per year in salaries alone, with more than 1.2 thousand beneficiaries and the various infrastructure improvements made in the communities.

Today, the Marié River stands out as the first reserve of sport fishing legally exclusive of the entire Amazon, inserted in an indigenous territory. This advance in favor of Brazilian sport fishing has served as a model for other fishing operations that seek the sustainability of local communities and high quality that will satisfy even the most demanding fishermen.

In order to maintain the IBAMA's merit of being the river with the largest tucunarés in the entire Rio Negro, monitoring should be done throughout the season and data analyzed by the competent bodies to evaluate fishing effort, inventory capacity and the continuity of the the fishing operation.

The fishing guides who work in the Marié River are passive to a process of mutual learning, where local knowledge is mixed with global knowledge, by living with indigenous guides and tourists from all over the world.

All the technical knowledge transmitted to the tourists by the fishing guides must be allied with the empirical knowledge transmitted by the indigenous guides, thus ensuring the success of the catches.

During the fishing season, professional fishing guides are responsible for piloting the fishing vessel, assisting the amateur fisherman in catching the fish and returning it to its environment, using the best baits, interpreting the environment specific to the environment Aquatic, as well as other correlated actions in the sport fishing exercise.

Lista de Figuras

- Figura 1** – Localização Geográfica do Rio Marié.....
- Figura 2** – Reunião entre Foirn, ACIBRN, ISA, Funai, Ibama e Untamed Angling para discutir contrato de parceria
- Figura 3** – Área de uso tradicional das comunidades indígenas adjacentes ao Rio Marié.....
- Figura 4** – A fase “paca”, fases intermediárias e a fase “açú” dos *Cichla temensis*
- Figura 5** – Ocelo presente na base caudal de um tucunaré
- Figura 6** – Estrutura característica de um ninho de tucunarés
- Figura 7** – Equipamento de pesca com mosca (*fly fishing*)
- Figura 8** – Figura: Chegada no porto de Camanaus, em São Gabriel da Cachoeira através do Expresso.....
- Figura 9** – Realizando a compra de insumos para a atividade de prospecção
- Figura 10** – Abastecendo o carro que levaria os insumos até as lanchas de transporte.....
- Figura 11** – Lanchas do projeto aguardando o embarque dos guias de pesca
- Figura 12** – Salão da comunidade Tapuruquara-mirim, onde são feitas reuniões.....
- Figura 13** – Reunião com a comunidade local em Tapuruquara-mirim
- Figura 14** – O Biólogo Alec Zeinard explicando um pouco das diferenças entre as modalidades
- Figura 15** – Barco indígena onde os guias de pesca se alojaram durante a prospecção.....
- Figura 16** – Tucunaré açu capturado durante o treinamento com equipamento de fly
- Figura 17** – Guias de pesca trabalham em conjunto com guias indígenas durante atividade de prospecção.....
- Figura 18** – Daniel Crepaldi e Michel, funcionários do Ibama, acompanhando a prospecção....
- Figura 19** – Manutenção das embarcações do projeto
- Figura 20** – Tucunaré-açu capturado pelo guia indígena Gerson Manoel.....
- Figura 21** – O guia indígena Gerson Manoel praticando fly fishing pela primeira vez.....
- Figura 22** – Reunião entre guias e clientes
- Figura 23** – Embarque dos clientes no aeroporto de São Gabriel da Cachoeira.....

- Figura 24** – Guias saindo com os clientes para iniciar a pescaria.....
- Figura 25** – Guias indígenas e guias de pesca esportiva navegam lado-a-lado durante o trabalho.....
- Figura 26** – Cliente aguardando a chegada até os pontos de pesca durante navegação
- Figura 27** – Momento de embarque de um tucunaré-açu
- Figura 28** – Manuseio do pescado embarcado
- Figura 29** – Momento de medição do pescado embarcado.....
- Figura 30** – Momento da fotografia após embarque do pescado.....
- Figura 31** – A espera de recomposição do peixe.....
- Figura 32** – Quando o peixe se recompõe ele mesmo faz força para retornar ao seu ambiente..
- Figura 33** – Guia procura o peixe.....
- Figura 34** – Guia indica onde o cliente deve arremessar.....
- Figura 35** – Momento em que o pescador fisga o peixe apontado.....
- Figura 36** – O guia orienta como o pescador deve proceder durante a briga com o peixe.....
- Figura 37** – O guia indígena mergulha para tirar o pescado de um enrosco submerso.....
- Figura 38** – Isca artesanal Pinawaca atada a um anzol convencional.....
- Figura 39** – Flor da árvore periquito-castanha.....
- Figura 40** – Exemplo de uma isca de fly convencional feita com materiais naturais e sintéticos.
- Figura 41** – Porcos-do-mato.....
- Figura 42** – Cobra atravessando o rio.....
- Figura 43** – Momento do almoço.....
- Figura 44** – Preparando para assar o peixe na beira do rio.....
- Figura 45** – Carregando a lancha para acampamento.....
- Figura 46** – Montando acampamento na floresta.....
- Figura 47** – Barco hotel da Untamed Angling.....
- Figura 48** – Barco indígena.....

Introdução:

O Rio Marié

Para falar do Rio Marié é preciso primeiro lembrar da maior drenagem de água negra de todo o planeta, o Rio Negro, no qual está inserido, sob forma de afluente. A bacia do Rio Negro tem suas nascentes na Serra do Junai, localizada na Colômbia e percorre cerca de 1700km até sua confluência com o Rio Solimões, perto da cidade de Manaus, totalizando mais de 700 mil km² de terra em seu entorno. É atualmente, uma das regiões mais preservadas da Amazônia, com apenas 0,5% de área desmatada. Portanto, o Rio Negro é o principal rio da região Amazônica, sendo o segundo maior afluente do rio Amazonas.

É no Rio Negro que desagua o Rio Marié, cuja nascente está localizada na região noroeste da Amazônia brasileira, nas proximidades fronteiriças com a Colômbia. Vale lembrar que o Rio Marié está inteiramente inserido dentro de uma terra indígena e, portanto, percorre nada menos que cerca de 800 quilômetros de território protegido.

A operação de pesca da Untamed Angling utiliza uma área de mais de 2 milhões de hectares no qual está inserido o rio Marié. Este ambiente intocado tem mais de 800 quilômetros de rio, mais de 180 igarapés conhecidos, 60 lagos, e três afluentes principais.



Figura 1: Localização Geográfica do Rio Marié.

Origem do Projeto Marié

No passado, o desordenamento pesqueiro no Rio Marié foi responsável por disputas de exclusividade de acesso entre empresas através de contratos precários realizados com lideranças indígenas, desconsiderando e desrespeitando a organização

dessas comunidades. Consecutivamente, as empresas e as comunidades acabavam por não assumir as responsabilidades necessárias à gestão sustentável e participativa neste ramo de atividade. Realizada de forma desordenada e sem nenhuma supervisão, estudos ou monitoramento, a atividade pesqueira ocasionava conflitos sociais e impactos ambientais na região.

A maior parte da região, que inclui os municípios de Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos, a 400 quilômetros a noroeste de Manaus, é território indígena ainda sem reconhecimento formal. Apesar de injetar recursos e gerar empregos, ninguém assume as responsabilidades e custos socioambientais das atividades.

Entre os órgãos que possuem papel fundamental em proteger o território do rio Negro e suas etnias, estão a Acibrn e a FOIRN. A Associação das Comunidades Indígenas do Baixo Rio Negro (Acibrn) é uma associação civil, sem vínculos com instituições de origem religiosa ou partidária, sem fins lucrativos. Fundada em 16 de outubro de 1988 com objetivo principal de lutar pelos direitos constitucionais assegurados aos povos indígenas. A Acibrn é filiada à Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn).

A Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) é uma associação civil, sem fins lucrativos, sem vinculações partidárias ou religiosas, fundada em 1987 para defender os direitos dos povos indígenas que habitam a região do Rio Negro, no estado do Amazonas, Brasil. Compõe-se de 88 organizações de base, que representam as comunidades indígenas distribuídas ao longo dos principais rios formadores da bacia do Rio Negro.

Considerando o disposto nos artigos 231 e 232 da Constituição, a garantia da posse permanente pelos povos indígenas sobre suas terras e do usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes e o comprometimento do Estado brasileiro em valorizar as culturas, as tradições, as formas de organização e os meios de vida sustentáveis dos povos indígenas;

A Acibrn e a FOIRN convidaram, por meio de um termo de referência, no dia 07 de março de 2014, as empresas de turismo de pesca esportiva interessadas em estabelecer parceria para operar a atividade no trecho indicado do rio Marié a apresentar propostas de trabalho dentro das condições expostas no presente termo.



Foto: Camila Barra/ISA.

Figura 2: Reunião entre Foirn, ACIBRN, ISA, Funai, Ibama e Untamed Angling para discutir contrato de parceria.

As propostas foram abertas e discutidas em oficina de trabalho para elaboração do Plano de Manejo de Pesca da Acibrn, com acompanhamento da Foirn, Funai, MPF-AM e Ibama e participação das instituições técnicas parceiras formalmente convidadas.

A área definida para operação da atividade de pesca esportiva compreende o trecho a partir da confluência com o rio Ueni (coordenadas: 0°48'43,22146"S; 67°01'05,14289"W) até o trecho à montante do rio Rubo (coordenadas: 1°15'16,26599"S; 68°39'13,62839"W). Também podendo ser utilizado o rio Turi (coordenadas: 1° 5' 20,707"S; 67° 48' 50,867"W), afluente da margem esquerda do rio Marié e o rio Rubo, afluente da margem direita.

Após a proposta da Acibrn e FOIRN, das três empresas que enviaram propostas para a atividade de turismo no Rio Marié, a empresa Untamed Angling do Brasil foi eleita por unanimidade através das 14 lideranças locais que se reuniram na comunidade Tapuruquara-Mirim, localizada no município de São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus).

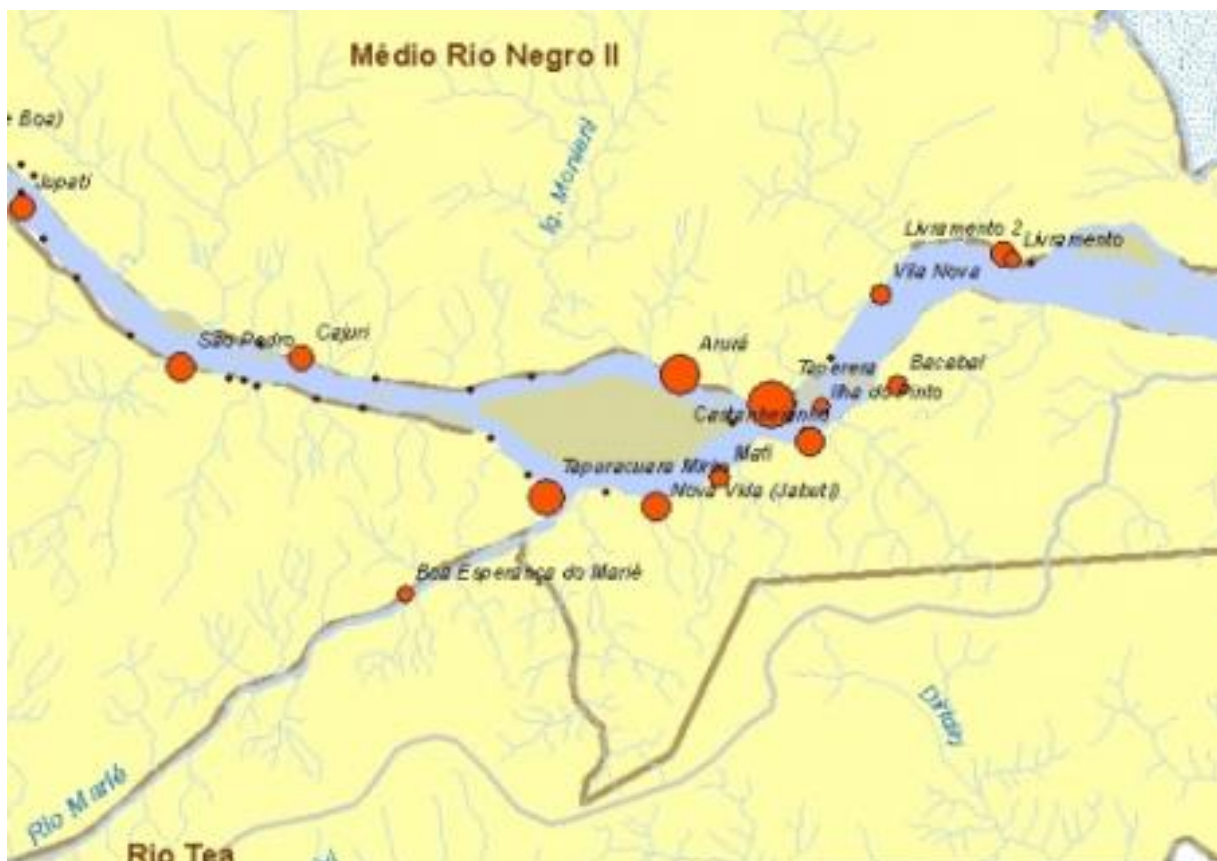


Figura 3: Área de uso tradicional das comunidades indígenas adjacentes ao Rio Marié.

Fonte: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/projeto-de-turismo-comunitario-de-pesca-no-rio-marie-am-define-parceria-e-deve-comecar-este-ano>

Todas as comunidades tiveram acesso ao estudo do rio, que foi apresentado por técnicos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Após os esclarecimentos prévios e a consulta às comunidades (materializados em duas oficinas), além do debate acerca da criação de um plano de uso, os indígenas acenaram positivamente pela regulamentação da pesca esportiva.

A primeira expectativa com o início do projeto foi a geração de pelo menos 22 empregos diretos e um capital em torno de R\$ 170 mil anuais apenas em salários. Os números são significativos considerando as pouco mais de 1,2 mil pessoas beneficiadas.

Outra parte dos recursos oriundos dos pacotes turísticos foram investidas diretamente nas comunidades em melhorias de infraestrutura, por exemplo, em radiofonia, transporte e na construção de um laboratório de informática, além da manutenção de um sistema de monitoramento, fiscalização e gestão territorial com envolvimento de todas as comunidades, fortalecendo a Acibrn e coibindo invasões e atividades ilegais.

“O caráter inédito dessa iniciativa se deve, antes de mais nada, à forma participativa com que foi construída. A partir do interesse das comunidades, foram envolvidos parceiros e os órgãos oficiais na elaboração de um modelo de turismo de pesca esportiva sustentável e de base comunitária”, analisou Camila Barra, antropóloga do Programa Rio Negro do ISA. “Os pescadores que forem pescar no Rio Marié estarão contribuindo diretamente para a sustentabilidade das terras indígenas e qualidade de vida dessas comunidades, compreendendo que os povos indígenas do rio Negro são os responsáveis pela preservação e riqueza do importantíssimo patrimônio socioambiental, que é a Bacia do Rio Negro”, disse Barra.

A criação desse termo de referência foi a etapa mais recente de uma luta de seis anos das populações indígenas para retirar os pescadores irregulares da área e regulamentar a atividade. Desde 2008, empresas de turismo vinham fazendo contratos informais com alguns indígenas, sem nenhuma fiscalização, documentação válida ou garantia para eles. A disputa entre firmas rivais levou lideranças locais a serem pressionadas e até ameaçadas.

Depois de uma série de denúncias da Acibrn e da Foirn, a Funai e o Exército fizeram, em 2012, uma operação para retirada de todos os pescadores ilegais da região.

Em abril de 2013, o Ministério Público Federal (MPF) recomendou a suspensão do turismo de pesca no Rio Marié e a realização de estudos de impactos socioambientais para aferir a viabilidade de regularizar a atividade.

A partir daí, iniciou-se uma parceria entre várias instituições para atender a recomendação, estabelecendo um processo de diálogo e esclarecimento das comunidades afetadas. O coordenador da Coordenação Regional do Rio Negro da Funai (CRRN-Funai), Domingos Barreto, assumiu a ação como prioritária e estratégica.

Segundo a Funai, foram investidos cerca de R\$ 150 mil para realização das oficinas e expedições que compuseram os estudos, além do combustível para as ações do Exército, que fez a segurança dos trabalhos e a fiscalização na foz do rio para coibir a entrada ilegal de empresas de pesca.

O Projeto Marié

A história do Rio Marié e o projeto de pesca esportiva realizado pela Untamed Angling do Brasil pode ser vista como um avanço nunca antes visto em prol da pesca esportiva brasileira. Tendo sido o Rio Marié o primeiro rio da Bacia Amazônica em que o governo Brasileiro colaborou com um grupo de comunidades locais indígenas para desenvolver um projeto único de pesca esportiva de base comunitária da Amazônia.

Graças ao trabalho entre a Associação das comunidades indígenas do Marié, o Governo brasileiro através do IBAMA e FUNAI, o Instituto Sócio Ambiental (ISA) e a operação de pesca Untamed Angling do Brasil, o Rio Marié é a primeira reserva de pesca esportiva legalmente exclusiva dentro de um território Indígena de toda Amazônia Brasileira. Área esta que compreende mais de 800 quilômetros de águas virgens, ostentando uma população saudável de tucunarés gigantes.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e de Recursos Naturais Renováveis (Ibama) realizou vários estudos biológicos na região. Estas pesquisas trouxeram resultados impressionantes: O rio Marié detém pelo menos duas vezes a quantidade de tucunarés de grandes tamanhos (mega-reprodutores) em comparação com qualquer outro destino de pesca esportiva na bacia do Rio Negro antes estudado. Para os pescadores, isso se traduz em oportunidades reais para pescar de forma consistente tucunarés muito maiores do que a média na Amazônia.

O conceito de pesca de tucunarés que tem sido adotado pela maioria das empresas de pesca atuantes na bacia amazônica tem sido alterado com uma nova abordagem para a pesca esportiva de grandes tucunarés, inspirada no projeto Marié.

Além de todo esse avanço inovador na pesca esportiva brasileira, o Rio Marié recebe ainda o título de maior área do mundo especificamente dedicada à pesca esportiva para esta espécie junto a uma filosofia conservacionista de captura e liberação, o que irá garantir uma pesca extraordinária durante muitos anos, gerando renda às comunidades locais.

Para a inserção desse projeto, a empresa Untamed Angling do Brasil baseou-se nos moldes de suas outras operações já consagradas mundialmente como a pesca de dourados em La Zona, Argentina e Tsimane, na Bolívia. Tanto La Zona como Tsimane se tornaram destinos de renome mundial devido à sua proposta conservacionista e contato com a selva nos seus pacotes de pesca. Dessa forma, após anos de estudo à procura de onde vivem os maiores tucunarés do mundo, nasceu o projeto Marié.

A empresa já possui experiência comprovada em desenvolver operações de pesca esportiva em remotas áreas de selva, com serviços de ponta e técnicas de pesca refinadas, portanto, não será apenas uma agradável novidade para a atual cena da pesca na Amazônia Brasileira. O conceito da Untamed Angling de pesca esportiva chegou para revolucionar a forma como os pescadores enxergam a experiência de pesca na Amazônia.

Assim como vêm ocorrendo com outros projetos anteriores da Untamed Angling, o projeto Marié fornece pacotes de alto padrão, com guias profissionais de pesca, o estado da arte em botes de pesca para fly-fishing, acomodações de luxo, gerentes experientes e chefs internacionais, responsáveis por criar a combinação perfeita de pratos requintados com ingredientes locais.

Como em outras operações realizadas pela mesma empresa, os parceiros indígenas recebem os benefícios do projeto diretamente da renda do turismo, bem como dos empregos que gera, como guias de pesca, transporte, manutenção, assistentes de cozinha, operadores de barcos, entre outros. Além disso um importante programa de vigilância indígena foi implementado em parceria com a FUNAI visando a gestão territorial da área de forma a defender o extenso território e com importante protagonismo das comunidades indígenas em sua gestão. Os povos indígenas pertencentes ao projeto, também receberam capacitação para o trabalho organizado para iniciar a operação durante a temporada exploratória de 2014, um processo que se

repetirá anualmente e será partilhado por todas as tribos, solidificando o conceito deste projeto ambicioso.

O projeto tem uma taxa de utilização significativa para todos os pescadores que visitam. Os fundos provenientes dessa taxa são utilizados principalmente em projetos sociais, desenvolvimento de infraestrutura, transporte e projetos médicos e de educação. Esta taxa representa um passo importante no esforço contínuo para proteger a nossa capacidade de continuar a partilhar esta parte incrível e única do mundo.

Gestão Ambiental

O projeto Rio Marié desenvolve uma série de práticas que visam a proteção da floresta amazônica e preservá-la em seu estado puro, no qual ela é hoje. É exigido que todos os Tucunarés – Açus capturados sejam soltos ao seu ambiente, sem exceções. Isso antes de serem medidos, pesados e registrados no diário de bordo para nos permitir obter dados valiosos para o Programa de Pesquisa Biológica, supervisionados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), a fim de estudar e melhor gerenciar o sistema do Rio Marié.

A pesquisa dos tucunaré-açus do Rio Marie é uma atividade de monitoramento contínuo para garantir a melhor gestão da pesca nos anos vindouros. O monitoramento dos tucunarés promovido pelo IBAMA e pela empresa, é completamente novo para a indústria de pesca esportiva em rios da América do Sul e é baseado em um estudo de capacidade de pesca adaptativa.

A Espécie Tucunaré

Na América do Sul, são mais de 15 espécies existentes de Tucunarés (gênero *Cichla*).

De todas as espécies brasileiras, os Tucunarés são responsáveis pela maior participação no desenvolvimento e nas transações comerciais no mercado de pesca esportiva no Brasil.

A maior e mais poderosa espécie da família é a *Cichla temensis*. Podendo atingir até 16 quilos, esses peixes podem ser encontrados em toda a bacia do Rio Negro.

Características estabelecidas nesses peixes são o fato de possuírem duas cores distintas para a mesma espécie de *C. temensis*, podendo ser chamadas de duas fases. Para o período não reprodutivo, estes animais se apresentam na coloração conhecida como “paca”, com tonalidade mais escura e a presença de manchas que lembram as manchas pertencentes ao animal roedor chamado de paca, daí esse nome sugestivo.

A outra fase aparece em seu período de reprodução e desova, conhecida como “açú”, onde apresentam-se três faixas negras e verticais ao longo do corpo desses peixes. Este processo de mudança de cores ocorre de forma gradual e é responsável por gerar uma variedade de cores surpreendente nessas espécies.

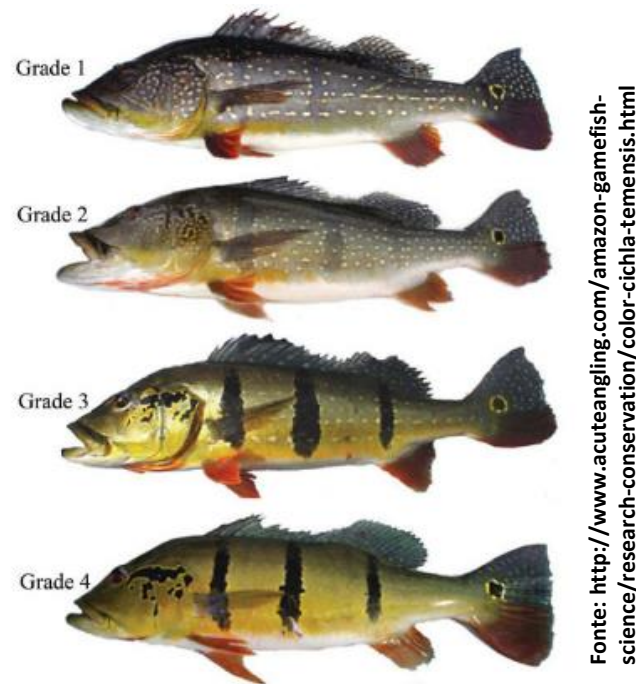


Figura 4: A fase “paca”, fases intermediárias e a fase “açú” dos *Cichla temensis*.

Outra característica muito conhecida dos *Cichla temensis* é que são peixes extremamente territoriais e durante os períodos de desova podem permanecer durante semanas na mesma área do ninho, protegendo a prole. Seu comportamento pode se tornar muito agressivo quando outros predadores tentam atacar suas áreas de berçário.

Biologia da espécie

Algumas características facilmente observáveis são utilizadas na identificação do gênero: a forma da barbatana dorsal, única entre os ciclídeos da América do Sul, e a presença de um ponto aparente semelhante a um olho na base da barbatana caudal, imitando o formato de um olho, chamada de ocelo.



Figura 5: Ocelo presente na base caudal de um tucunaré.

Fonte: <https://www.bioscripts.net/2014/03/25/ocelo/>

Essa mancha caudal é uma medida de defesa contra predadores uma vez que estes tendem atacar a cabeça de suas presas e acabam por atacar o rabo destes ciclídeos.

Os Tucunarés têm um corpo alongado e moderadamente elevado. São comprimidos lateralmente, com um perfil dorsal convexo e um perfil abdominal reto.

Têm uma cabeça grande, com um comprimento de seis a dez vezes maior do que o diâmetro dos olhos; Tem boca prognática (com mandíbula mais proeminente) e mandíbula exposta, em posição baixa, que ultrapassa em tamanho o comprimento do resto da cabeça; O processo ascendente da pré-mandíbula se estende para trás do nariz, mas não atinge a margem anterior da órbita do olho; Os dentes são pequenos, curvos, simples, pontiagudos, densamente definidos em bandas bem definidas e inseridos em placas de dentes nos ossos pré-maxilar e dentário; A borda posterior do pré-opérculo é lisa; Escamas Ctenóides cobrem a maior parte do corpo.

A coloração geral pode variar substancialmente ao longo do ano, tornando-se mais intensa durante a época de reprodução.

Além dos *Cichla temensis*, outras espécies de tucunarés também exibem variações na forma de paca: *C. piquiti*, *C. pinima* e *C. vazzoleri*.

Os Tucunarés preferencialmente habitam ambientes lênticos, ou seja, as águas de lagos e lagoas, mas também as margens dos rios, nas entradas ou lagoas conectadas a rios, nos remansos e canais fluviais, bem como as áreas rasas com estruturas abundantes (troncos e galhos de árvores, vegetação nos lados e rochas).

Algumas espécies (*C. melaniae*, *C. temensis* e *C. piquiti*) também podem ocorrer em ambientes lóticos e semilóticos, como corredeiras de rios e trechos com água de fluxo rápido, geralmente permanecendo em áreas que estão longe do fluxo de corrente, em áreas mais abrigadas, normalmente por trás de rochas, troncos de árvores ou ramos.

Comportamento Alimentar

Os tucunarés se alimentam de outros peixes, comendo uma grande variedade de espécies, incluindo a sua própria; Eles também podem se alimentar de camarões, insetos e outros artrópodes durante seu estágio juvenil; Ocasionalmente, alguns indivíduos adultos podem comer artrópodes. As espécies de Tucunarés exploram os recursos que estão à sua disposição no meio ambiente, apresentando um comportamento oportunista.

Em seus ambientes naturais, não-modificados, os tucunarés comem uma ampla gama de presas, especialmente membros de Characiformes e Siluriformes, e também são canibais.

Sua atividade é reforçada durante dias com temperaturas mais altas e maior intensidade de luz, que se concentram no período entre 9h e 15h. Os fatores bióticos que mais influenciam o número de tucunarés são variações de temperatura, precipitação, assim como a variação e duração do fotoperíodo.

Desova

A desova do tucunaré é realizada de forma desordenada, com o seu pico no final da estação seca e o início da estação chuvosa (inundações), embora possam reproduzir ao longo de todo o ano.

As taxas de fertilidade são variáveis, com 1.500 a 15.000 oócitos por evento de desova. Tanto a larva como as larvas recentemente incubadas aderem ao substrato. Os peixes cavam ninhos na parte inferior das margens dos rios, onde eles transferem os ovos recentemente chocados, depositando-os na superfície de troncos de árvores ou rochas.



Fonte: <https://www.bioscripts.net/2014/03/25/ocelo/>

Figura 6: Estrutura característica de um ninho de tucunarés.

Pesca Esportiva

Considerada como uma cadeia econômica emergente em nosso país, a atividade de pesca amadora ou esportiva é crescente e vem se consolidando cada vez mais. Trata-se de uma atividade multidisciplinar envolvendo ações da pesca, do turismo e do meio ambiente. Atualmente, o consumidor do turismo de pesca, ou seja, o pescador esportivo, está mudando de perfil. Ora vivia a pesca como apenas um passatempo descompromissado, atualmente um hobby, e, para alguns mais aficionados a pesca passa a ser considerada uma filosofia de vida. O pescador tem empenhado dedicação na busca por produtos de qualidade, exigindo cada vez mais que seus roteiros e destinos se enquadrem a realidade do sonho deste consumidor, assim como, equipamentos de pesca modernos e sofisticados.

O grande potencial para o desenvolvimento da pesca esportiva se deve ao fato de o país abrigar uma grande diversidade de peixes, distintos ecossistemas, vastas bacias hidrográficas com características e peixes peculiares das distintas regiões.

No Brasil, esta atividade de pesca é denominada como pesca amadora (Lei 11.959 / 2009), descrita como uma prática por brasileiros ou estrangeiros com fins

esportivos, de lazer e turismo. Assim como, a Instrução Normativa Interministerial MPA/MMA nº 09, de 13 de junho de 2012, que estabelece Normas Gerais para o exercício da pesca amadora em todo território nacional que regulamentou a referida Lei e define, pesca amadora e/ou esportiva, sendo a atividade de pesca considerada atividade de natureza não comercial, no que se refere ao produto de sua captura, sendo vedada a comercialização do recurso pesqueiro capturado.

A pesca esportiva tem apresentado um virtuoso crescimento, principalmente nos últimos anos, sendo a Amazônia um dos lugares mais procurados para a prática desta atividade no Brasil. No entanto, este crescimento vem ocorrendo de maneira desordenado, em todos os setores que envolvem a pesca esportiva no cenário nacional.

O desenvolvimento da pesca esportiva carece passar pelos aspectos sociais assentados nesta categoria, tornando-a mais profissional e competitiva. A profissionalização da atividade permeia em vários aspectos e temas, principalmente, na prestação de serviços básicos entre eles os condutores de turismo de pesca e hotelaria específica.

Na grande maioria das vezes ocorre a transformação de pescadores profissionais artesanais para condutores de turismo de pesca. Esta prática já é uma realidade vivenciada em vários lugares onde a pesca esportiva é frequente. Os pescadores profissionais passam a conduzir as embarcações e levam os pescadores amadores a pescar motivados pelos valores da diária, quando comparada a pesca comercial.

Entretanto, contam em maior grau com a experiência adquirida com a profissão da pesca, de modo tradicional através de sua longa vivência.

Pescando no Rio Marié

Poucos, além dos nativos locais, exploraram a enorme teia de afluentes ou investigaram o labirinto de lagoas marginais que são berçários deste incrível sistema para os tucunarés-açus. Aqueles que arriscaram, voltaram para casa para contar histórias de enormes peixes que são difíceis de acreditar. O Projeto Marié está apenas começando a arranhar a superfície do que o Rio Marié tem para oferecer, e já percebe-se que esta reserva de pesca esportiva é a fronteira final para os maiores Tucunarés do planeta. Até mesmo os moradores locais o chamam de "Rio de Gigantes!"

Durante cada semana de pesca, um pescador é colocado frente a frente com um bom número de tucunarés-açus cujo tamanho médio é surpreendente a mais de 5kgs, para não mencionar uma quantidade significativa de troféus de 10kgs. A cada dia os pescadores estão se lançando no Rio Marié em uma busca legítima do próximo recorde mundial.

Em 2014, foi organizada a primeira temporada exploratória de cinco semanas com 8 pescadores por semana. Esses 39 pescadores ajudaram a explorar o Rio Marié. O que se descobriu foi um verdadeiro paraíso para pesca dos tucunarés gigantes.

A média de peixes acima de 10kgs capturados por pescador por semana somente no Rio Marié superou e muito a soma de todas as operações da região de Barcelos e Santa Isabel durante toda uma temporada. Em 2015 o mesmo resultado se repetiu

provando o que os estudos do IBAMA já diziam: O Rio Marié é o mais impressionante pesqueiro de tucunarés gigantes da Amazônia.

A temporada inaugural provou isso com mais de 40 peixes de mais de 10kgs embarcados entre 39 pescadores. Em 2015 somente na primeira semana de pesca foram mais de 15 peixes acima de 10kgs para 8 pescadores em uma semana.

Guias de Pesca Esportiva

Definição da Ocupação do Condutor de Turismo de Pesca

No passado, eram reconhecidos como pirangueiros, piloteiros e/ou barqueiros, mais recentemente receberam a denominação de guias de pesca esportiva. Na grande maioria das vezes são pessoas que apresentam grande ligação e experiência com a pesca profissional, geralmente sua formação e experiência tradicional advêm da pesca comercial, e acabam exercendo a função de guias de pesca, principalmente nas regiões onde a pesca amadora é realizada mais frequentemente.

O guia de pesca esportiva é o profissional que é responsável em pilotar a embarcação de pesca amadora, no ato da prática da pesca, auxiliar o pescador amador na captura dos peixes e em sua devolução ao meio, na utilização das melhores iscas, na interpretação do meio ambiente em específico ao meio aquático, bem como, em outras ações correlacionadas no exercício da pesca esportiva.

A modalidade Fly Fishing ou pesca com mosca

Este equipamento teve seu surgimento dirigido para a pesca de trutas e salmões, onde a isca era a imitação de pequenos insetos. Foi introduzido com sucesso no Brasil a partir da década de 80.

O equipamento é bem diferente dos convencionais. Uma vara comprida e flexível, uma carretilha que mais parece uma bobina comum e uma linha grossa que é a responsável pelo arremesso. O peso da linha é que leva a isca até o ponto desejado. Ela vai sendo solta a partir de movimentos constantes e sincronizados de “vai e vem”. As iscas são confeccionadas artesanalmente com pelos, penas, fios de plástico, linhas, entre outros.



Figura 7: Equipamento de pesca com mosca (fly fishing).

Fonte: <http://www.howtocatchfishnetwork.com/fly-fishing-tips/how-to-select-good-quality-fly-fishing-tackle-from-all-this-fishing-gear/>

Desenvolvimento:

Início da Jornada de trabalho

Essa jornada de experiência de trabalho no rio Marié começa ao desembarcar em Manaus. Em Manaus, os guias são recebidos por um motorista e repousam no hotel.

No dia seguinte, os guias de pesca embarcam em uma embarcação chamada de expresso, cujo percurso é de 24 horas para chegar até o próximo destino, São Gabriel da Cachoeira, que é a cidade mais próxima de onde o Projeto Marié opera.



Foto: Éverton Pires.

Figura 8: Chegada no porto de Camanaus, em São Gabriel da Cachoeira através do Expresso.

Ao chegarem em São Gabriel da Cachoeira, os guias auxiliaram com as compras que seriam realizadas na prospecção. A prospecção é uma atividade inicial em que os guias vão para o rio somente para pescar e terem suas próprias experiências, ampliando seu conhecimento através da atuação prática. Além disso, a atividade de prospecção possui caráter científico, uma vez que são contabilizados, medidos e pesados todos os peixes capturados e esses dados são enviados para o Ibama para análise e monitoramento.



Foto: Éverton Pires.

Figura 9: Realizando a compra de insumos para a atividade de prospecção.



Foto: Éverton Pires.

Figura 10: Abastecendo o carro que levaria os insumos até as lanchas de transporte.

Reunião em Tapuruquara-mirim

Os guias seguiram então até o porto de São Gabriel da Cachoeira, chamado de Camanaus e lá encontraram as lanchas que os levariam até a comunidade Tapuruquara-mirim, que é uma das comunidades principais do entorno e onde se concentrariam as lideranças de outras comunidades para reunião com representantes do IBAMA e início à temporada 2017 do projeto.



Foto: Éverton Pires.

Figura 11: Lanchas do projeto aguardando o embarque dos guias de pesca.



Foto: Éverton Pires.

Figura 12: Salão da comunidade Tapuruquara-mirim, onde são feitas reuniões.

O primeiro trabalho em Tapuruquara-mirim foi de explicar às lideranças algumas mudanças que o projeto vem realizando. Nos anos anteriores o projeto trabalhou único e exclusivamente com a modalidade de pesca de flyfishing, ou seja, nenhuma outra modalidade era permitida no rio.



Foto: Éverton Pires.

Figura 13: Reunião com a comunidade local em Tapuruquara-mirim.

Ao ver, através de estudos e análise de dados pelo Ibama que a pesca no Marié pode ser expandida, sem danos ao estoque, o projeto está buscando abrir as portas para uma outra modalidade de pesca com iscas artificiais, chamado de baitcasting. Trata-se de uma modalidade de pesca mais comum, onde são utilizadas iscas de plástico ou de madeira, normalmente com duas garatéias em cada isca. Garatéias é a união de três anzóis em um só para aumentar a chance de captura. A diferença nesse projeto de abertura a uma nova modalidade, é que ao invés do uso de garatéias, comumente utilizadas nas iscas de baitcasting, a pesca só será permitida se as garatéias forem substituídas por apenas um anzol. Essa medida é para que a pesca no Marié continue sendo de forma menos nociva ao peixe, no intuito de conservar as espécies. Além disso, em um passado não distante, as comunidades locais tiveram muitos problemas com pescadores que utilizavam desses tipos de iscas para matar todos os peixes que capturavam, trazendo sérios prejuízos para as comunidades locais.

Assim, foi dada uma palestra a respeito da diferença entre as modalidades flyfishing e baitcasting, além da explicação no uso de um anzol normal nas iscas de baitcasting, substituindo as garatéias, reduzindo os danos aos peixes.



Foto: Éverton Pires.

Figura 14: O Biólogo Alec Zeinard explicando um pouco das diferenças entre as modalidades.

A prospecção

Após reunião em Tapuruquara-mirim os guias seguiram para a boca do rio Ueni, que é o local onde existem vigias para fiscalizar quem atravessa as fronteiras do rio Marié. Na boca do rio Ueni os guias se encontraram com os guias indígenas e embarcaram na embarcação destes. Foram 15 dias de convívio com os guias indígenas em sua própria embarcação, além de 15 dias intensos para que os guias de pesca pudessem se ambientar com o local e as técnicas de pesca locais.



Foto: Éverton Pires.

Figura 15: Barco indígena onde os guias de pesca se alojaram durante a prospecção.



Foto: Agustín García

Figura 16: Tucunaré açu capturado durante o treinamento com equipamento de fly.



Foto: Agustín García

Figura 17: Guias de pesca trabalham em conjunto com guias indígenas durante atividade de prospecção.

A prospecção também foi realizada pela supervisão de dois funcionários do Ibama que são responsáveis diretos pelo acompanhamento dos dados de monitoramento do Rio Marié. Daniel Crepaldi e Michel, estiveram presentes para acompanhar de perto a pescaria e nos trazer orientações de como deveriam ser coletados os dados para acompanhamento.



Foto: Éverton Pires.

Figura 18: Daniel Crepaldi e Michel, funcionários do Ibama, acompanhando a prospecção.

O trabalho no Rio Marié

Trabalhar no Rio Marié é ter que estar pronto para um serviço árduo que exige muito esforço, mas gratificante para aqueles que têm paixão pela pesca e o contato com a natureza. O convívio com os guias indígenas é de valor imensurável e, o contato diário com turistas estrangeiros amplia uma visão global do mundo da pesca e consecutivamente traz um enriquecimento cultural muito grande.

A rotina de trabalho no Rio Marié se inicia nas quintas-feiras de todas as semanas durante toda a temporada. É nesse dia que os turistas pescadores chegam de hidroavião e pousam às margens do remoto rio Marié. Nesse dia, os guias estão livres de guiar, mas não se veem livres do trabalho. Além disso, como nesse dia não acontece pescarias, é aproveitado para realizar manutenções nas embarcações e motores, caso necessário.



Foto: Éverton Pires.

Figura 19: Manutenção das embarcações do projeto.

Outra opção que os guias de pesca têm a fazer em seus dias de folga, caso queiram, é sair para pescar. O intuito de pescar nos dias de folga é para descobrir novos pesqueiros de forma empírica, além de experimentar outras iscas e técnicas. Como os guias de pesca precisam estar acompanhados de um guia indígena para pescar nas águas do Rio Marié, alguns guias de pesca procuram ensinar a modalidade de pesca para seus respectivos guias locais.



Foto: Éverton Pires.

Figura 20: Tucunaré-açu capturado pelo guia indígena Gerson Manoel.



Foto: Éverton Pires.

Figura 21: O guia indígena Gerson Manoel praticando fly fishing pela primeira vez.

Ao chegarem os clientes, os guias devem recepcionar os clientes e auxiliá-los com a bagagem. Após a instalação dos hóspedes em seus quartos, todos os guias e clientes se reúnem ao fim da tarde para um coffee break. É nesse momento em que toda a tripulação e os guias se apresentam para os clientes. Nessa conversa é falado a respeito da situação de pesca da semana anterior e o que se espera da próxima semana, principalmente, em relação ao nível da água e comportamento dos peixes.

Os guias devem explicar como funciona a pesca no Rio Marié, visto que 90% do público é constituído de estrangeiros, onde 80% são em média norte-americanos e muitos deles estão vindo pela primeira vez à Amazônia e não possuem experiência com a pesca do Tucunaré-Açú. Os guias explicam então que tipo de linha devem usar, iscas, como e onde arremessar, comportamento dos peixes, regras, entre outros.

Após a conversa, os guias montam os equipamentos para os hóspedes de acordo com a pesca que tem ocorrido. Se o nível da água está muito alto, deve-se usar um equipamento com linhas afundativas e com razão de afundamento mais rápida, além de iscas mais pesadas para chegar ao fundo mais rapidamente. Com o nível da água em seu estado normal, linhas flutuantes são suficientes para a pescaria.



Foto: Rodrigo Salles

Figura 22: Reunião entre guias e clientes.

Todas as noites, os guias devem se reunir e estruturar a pesca ao longo da semana. Quem é responsável por esquematizar toda a pesca é o guia líder. É o guia líder quem distribui os clientes para seus respectivos guias ao longo da semana, havendo um rodízio de clientes, ou seja, cada dia um guia de pesca irá guiar para dois clientes diferentes.

Ao guia líder também cabe a escolha dos lagos para cada guia pescar durante cada dia. Todos os dias após o jantar os guias se reúnem e o guia líder informa quem vai pescar aonde no dia seguinte. Os guias têm então uma média de 2 lagos por dia para irem, além de outros trechos de rio e igarapés. Normalmente a pescaria é feita em um

lago pela manhã e outro lago pela tarde, podendo outro guia pescar no lago que foi pescado pela manhã. A decisão dos lagos é feita na noite anterior pois sabe-se que existem lagos mais piscosos que outros e portanto, os clientes que não capturaram muitos peixes no dia anterior, poderão ser manejados para um bom lago no dia posterior. Dessa forma, a empresa procura satisfazer a todos no sentido de boas capturas.

Sempre ao amanhecer, os guias de pesca são responsáveis por preparar os coolers dos clientes, colocando as bebidas e alimentos para passarem o dia pescando.

Numa bolsa, os guias carregam para a embarcação todo equipamento de pesca que possam necessitar ao longo do dia, além de ferramentas para reparos na embarcação e kits de primeiros socorros em caso de acidentes.

Às 7h30 da manhã de cada dia os guias devem estar em suas embarcações com seus acessórios e coolers prontos. Os guias indígenas se encontram com os guias de pesca no deck do barco hotel e ali podem conversar e planejar o dia até as 8h00, que é o horário em que os turistas embarcam.

Ao embarcarem, os guias explicam onde e como será feita a pescaria ao longo do dia e em seguida iniciam a navegação até os pontos de pesca com o auxílio de um GPS, além do conhecimento local dos guias indígenas que também passam o dia a bordo da embarcação de pesca.



Foto: Everton Pires.

Figura 23: Embarque dos clientes no aeroporto de São Gabriel da Cachoeira.



Foto: Éverton Pires.

Figura 24: Guias saindo com os clientes para iniciar a pescaria.

Embarcações de pesca soberbas

As lanchas do Rio Marié são máquinas de pesca reais, desenhadas pela própria empresa para serem as melhores lanchas de pesca na selva. São também chamados de skiffs, possuem 21 pés totalmente equipados, com duas grandes plataformas de arremesso, movidos com motores de popa Yamaha 90hp 4 tempos para chegarem aos melhores lugares de pesca em menos tempo e motores minn kota de 54 libras com controle remoto para acessar os lugares mais remotos de forma silenciosa. Além disso as embarcações possuem uma plataforma de avistagem de peixes, nunca vista antes em águas amazonenses, GPS e rádios VHF a bordo para manter os guias com comunicação constante e ciente da posição de cada lancha. Balanças certificadas pela IGFA estão a bordo para manter todos os recordes justos e honestos. Puçás (ou redes de embarque) de malha de borracha de última geração também são fornecidos para a segurança dos peixes e para garantir os grandes troféus.

Navegar nas águas deste rio parece ser fácil para aqueles que olham superficialmente, mas, como se trata de um motor potente e a navegação se dá em alta velocidade, em muitos trechos de rio é preciso lembrar aonde estão localizados os bancos de areia, pedras, pauleiras e outras estruturas. Para que não ocorra acidentes, os guias de pesca são orientados também pelos guias indígenas que estão ao lado e conhecem bem cada tramo do rio.

Os turistas pescadores do Rio Marié são guiados por uma das melhores equipes de guias profissionais de pesca esportiva, especialistas de pesca com mosca em toda a

América Latina, além de guias indígenas locais muito bem capacitados, que conhecem cada centímetro de água e os grandes segredos dos tucunarés no Rio Marié. A equipe de guias profissionais e internacionais altamente experientes, em parceria com guias indígenas locais treinados por nossa equipe com o seu conhecimento ancestral, proporcionam a melhor equipe de guias em cada barco.

A experiência da empresa também é baseada em uma nova maneira de abordar a pesca na Amazônia. Os pescadores são assistidos e orientados em cada lancha pela equipe de dois guias:

- Um Guia profissional da pesca com mosca, com experiência no idioma Inglês, oferecendo aos pescadores a possibilidade de praticar as técnicas mais refinadas de pesca com mosca. Eles são capazes de ajudá-lo com todas as facetas da pesca com mosca, bem como sendo extremamente bem informados sobre o rio e os tucunarés.
- Guias Indígenas locais. A equipe de guias indígenas do projeto Marie são intimamente conhecedores de cada trecho do rio e são surpreendentes em detectar até mesmo o mais leve movimento, sombra ou ondulação de qualquer tucunaré dentro da distância de arremesso. Eles realmente dominam todo o sistema do Rio Marié, as previsões dos níveis de água e os segredos dos grandes tucunarés. Eles lêem os sinais da natureza aliado ao seu antigo conhecimento ancestral transmitido por gerações de pesca nas águas do Marié, proporcionando a mais intensa experiência de pesca do tucunaré.

Os guias nativos em combinação com os guias profissionais são a certeza de uma experiência superior na pesca esportiva.



Foto: Agustín García

Figura 25: Guias indígenas e guias de pesca esportiva navegam lado-a-lado durante o trabalho.



Foto: Éverton Pires.

Figura 26: Cliente aguardando a chegada até os pontos de pesca durante navegação.

Ao chegar nos pontos de pesca estabelecidos, os guias de pesca devem desligar os motores de popa e então baixam o motor elétrico para funcionar. O motor elétrico é movido a bateria e é utilizado na pesca para uma aproximação mais suave e silenciosa.

O guia de pesca, com a sua visão de pescador e conhecimento prévio do local, posiciona o barco pelo motor elétrico com o auxílio de um controle remoto. O posicionamento é feito de forma suave para não espantar os peixes e o guia de pesca deve orientar os turistas pescadores em que local deverão arremessar. É nesse momento que o conhecimento de um guia de pesca conta muito para um resultado mais satisfatório na pesca. O guia que conduz o motor elétrico deve manter o barco bem posicionado para que os arremessos sejam o mais preciso possível. Além disso, põe seu conhecimento em prática no momento em que faz a leitura de rio e orienta os clientes aonde arremessarem.

A leitura de rio é um termo utilizado por pescadores esportivos. Trata-se de um olhar investigativo para o rio e saber observar suas estruturas. O guia deve estar atento para perceber aonde estão as galhadas submersas, locas, pedras, entre outras estruturas. O tucunaré-açú por ser um peixe predador e muito territorialista, acaba por se esconder em meio às estruturas e as iscas artificiais devem ser lançadas o mais próximo possível dessas estruturas.

Quando estão pescando em bocas de igarapés e locais espriados, a leitura de rio é mais técnica e deve-se atentar ao percurso da água para descobrir aonde estão os drop-offs. Drop-off é uma condição geológica do fundo do rio em que há um ligeiro declive no rio, formando canal. É nesse local que os tucunarés podem estar escondidos, em algum remanso, e os guias devem posicionar o barco e orientar os clientes a arremessarem nesses locais.

No momento em que é feita uma captura, os guias de pesca devem estar atentos ao que acontece ao redor para que o cliente tenha êxito em embarcar o seu “troféu”, no caso, o peixe. É preciso observar se a linha não vai enroscar, afastando o barco o máximo possível da margem onde estão as estruturas. Além disso, os guias vão orientando os clientes em como trabalhar o peixe para que este não escape ou arrebeste a linha.

Quando o peixe já está cansado e se aproxima do barco, os guias indígenas utilizam-se de um apetrecho conhecido como puçá para retirar o peixe. Normalmente apenas os guias indígenas manejam o peixe na hora do embarque, pois possuem mais experiência e força para manejar o peixe. Trata-se de um peixe muito grande e que tem muita força, por isso todo cuidado deve ser tomado na hora do embarque a fim de que este peixe não caia no barco e possa sofrer alguma lesão.

Enquanto os guias indígenas manejam o peixe e removem a isca da boca, os guias de pesca estendem uma régua IGFA (em inglês, International Game Fish Association) na plataforma da embarcação. IGFA é um órgão que homologa os recordes mundiais. Como o Rio Marié está repleto de peixes de grande porte, é preciso que todas as embarcações tenham uma régua certificada pelo IGFA e que os guias saibam as regras de manuseio e fotografias para homologação no caso de uma captura record. Vale lembrar que o record mundial de tucunaré-açu foi fisgado em uma lagoa do Rio Marié e por este motivo este lago é tão cobiçado por pescadores “caçadores de records”.



Figura 27: Momento de embarque de um tucunaré-açu.

Foto: Everton Pires.

Os clientes que já são orientados na primeira conversa de apresentação, devem aguardar até que os guias façam toda a medição e pesam o peixe, para que então possam tirar suas fotografias.

Todo o manuseio deve ser feito de forma mais rápida possível, além de muito cuidado para não lesionar o peixe.

Outra ação que facilita muito o manuseio na hora de medir os peixes, é manter o peixe dentro do puçá e posicioná-lo sob a régua de medição ainda dentro do puçá, afim de que este pule menos e não escape, reduzindo também acidentes como o peixe escorregar das mãos e cair no barco, lesionando-o.



Foto: Éverton Pires.

Figura 28: Manuseio do pescado embarcado.

Após a medição, é utilizada uma balança, também certificada pelo IGFA para pesar o peixe. As medições são anotadas em uma tabela impressa semanalmente e distribuída para que todos os guias tenham consigo e anotem em seu diário de bordo.



Foto: Éverton Pires.

Figura 29: Momento de medição do pescado embarcado.

Após as medições os peixes são colocados novamente em um puçá e levados à água para oxigenação e redução do estresse. Os pescadores se posicionam e os guias

novamente embarcam o peixe, colocando nas mãos dos turistas para realizar algumas fotografias.



Foto: Éverton Pires.

Figura 30: Momento da fotografia após embarque do pescado.

Rapidamente, os peixes são devolvidos com vida ao rio. No momento da soltura, é prudente observar ao redor se os botos não estão por perto ou se não há movimentação de piranhas, pois o peixe está cansado e irá precisar de algum tempo para recuperar-se.



Foto: Éverton Pires.

Figura 31: A espera de recomposição do peixe.



Foto: Éverton Pires.

Figura 32: Quando o peixe se recompõe ele mesmo faz força para retornar ao seu ambiente.

Para melhor êxito na soltura, o peixe é mantido na água e os guias seguram em sua boca, fazendo um movimento de “vai e vem” para que a água passe por suas guelras, acelerando o processo. O peixe só deve ser liberado quando ele mesmo faz força para retomar seu rumo e não quando o guia simplesmente quer liberá-lo na água. Desse modo, é assegurado que o peixe já está com energia suficiente para nadar e procurar um local para se esconder.

**Figura 33: Guia procura o peixe.****Figura 34: Guia indica onde o cliente deve arremessar.**

Foto: Éverton Pires.



Foto: Éverton Pires.

Figura 35: Momento em que o pescador fisga o peixe apontado.



Foto: Éverton Pires.

Figura 36: O guia orienta como o pescador deve proceder durante a briga com o peixe.

As figuras acima ilustram bem o momento desde que o guia observa o rio para encontrar o peixe e aponta, o cliente fisga o peixe e inicia uma batalha. Com as orientações do guia, o cliente vence a batalha e embarca o pescado, ocorrendo os processos de medidas e posterior fotografias.

O tucunaré-açú tem o comportamento instintivo de defesa de correr diretamente em meio a estruturas submersas quando se sente ameaçado. Por isso, diversas vezes em que o peixe é fispado, ele acaba se enroscando em alguma estrutura submersa, normalmente árvores e raízes submersas, dificultando o embarque. Algumas vezes os guias indígenas se dispõem a mergulhar para retirar o peixe das estruturas, pois caso contrário a linha pode romper-se e o cliente não ter a satisfação de tirar uma fotografia com seu peixe.



Foto: Éverton Pires.

Figura 37: O guia indígena mergulha para tirar o pescado de um enroscado submerso.

O projeto monitora todas as capturas de tucunarés ocorridas ao longo da temporada. Esse acompanhamento faz parte do termo de referência e licença de operação. Ao final de toda a temporada, o resultado de todo monitoramento é enviado para profissionais do IBAMA que irão analisar a capacidade de estoque, pressão de pesca, entre outros. Com estes dados, o IBAMA pode determinar se a CPUE deve aumentar, manter-se ou ser reduzida.

Para que as anotações do diário de bordo não se percam, ao final de cada semana, durante reunião semanal os guias entregam suas anotações a um dos guias responsável por digitar todos os dados numa planilha do Excel e enviar ao IBAMA. Nessa temporada essa temporada coube a mim, por ser o único envolvido com a área de Engenharia de Pesca.

Além de medidas e medições dos tucunarés-açús, no diário de bordo devem ser anotados a quantidade de capturas de tucunarés borboletas. Além disso, outras informações complementares são anotadas no diário de bordo, como o horário das capturas, nível do rio, local, entre outros. Com estes dados, podem ser gerados dados estatísticos que podem auxiliar a melhor compreender a pesca no Rio Marié. Por exemplo, é possível saber os melhores horários, inclusive os horários mais incidentes de capturas de peixes grandes. É possível também, explicar de forma científica algum

número reduzido de capturas por conta do nível da água (normalmente quando o nível está alto). Além disso, fica nítido saber através das anotações de localização de capturas, quais são os lugares e lagos mais piscosos e que devem ser repassados para clientes que não obtiveram sucesso em capturas ao longo da semana.

Enquanto não ocorre uma próxima captura, os guias devem estar sempre em contato com os turistas pescadores, a fim de que estes não percam o ânimo, principalmente quando a pescaria tem sido difícil. Nessa conversa os guias podem trazer alguma orientação a respeito da pesca, contar alguma curiosidade a respeito da cultura e modo de vida dos guias indígenas, ou mesmo alguma lenda local. Tudo isso é feito, normalmente, em inglês.

Numa dessas conversas, os guias de pesca podem contar a forma mais próxima de flyfishing presente na cultura local, que é a pesca com pinawaca. A pinawaca é uma isca confeccionada por raízes batidas de um cipó. O cipó é batido e desfiado, depois os fiapos são amarrados a um anzol para imitar um peixe na água.



Foto: Éverton Pires.

Figura 38: Isca artesanal Pinawaca atada a um anzol convencional.

Além disso, a tradição local conta que para ter sucesso na captura com o uso da pinawaca, é preciso ficar mexendo a pinawaca na água amarrada a uma linha e um varão, expressando alto a palavra “*sessauaçú*”, que na língua indígena local significa olho grande, que é como os guias indígenas chamam o tucunaré-açu.

Outra isca usada pelos locais é a flor da árvore periquito-castanha, cuja confecção e uso se assemelha à técnica de flyfishing. A flor também tem sua casca retirada e fica de forma desfiada amarrada ao anzol, simulando um peixe na água.

Essas técnicas utilizadas pelos locais de confecção e uso de iscas artificiais é um tanto quanto curiosa, pois alguns começam a pensar na origem do flyfishing tupiniquim e brasileiro.



Foto: Éverton Pires.

Figura 39: Flor da árvore periquito-castanha.



Foto: Éverton Pires.

Figura 40: Exemplo de uma isca de fly convencional feita com materiais naturais e sintéticos.

Outra forma de criar uma boa relação com os clientes é mostrando árvores e animais locais. O rio Marié por ser um afluente do Rio Negro também possui um alto teor de acidez na água e por isso, não é uma região com árvores e animais em abundância, embora alguns são corriqueiros de se ver nas margens.



Foto: Éverton Pires.

Figura 41: Porcos-do-mato.



Foto: Éverton Pires.

Figura 42: Cobra atravessando o rio.

Além de entreter os turistas com conversas, os guias devem fazer com que os clientes experimentem técnicas diferentes de recolhimento para atrair o peixe, linhas diferentes para chegar em profundidades distintas, além da troca de iscas que tenham outros atrativos como chocalhos ou outras cores. Essas experimentações devem ser baseadas em alguma alteração no ambiente, como a cor da água, profundidade, nível da água, comportamento dos peixes, entre outros. Daí que a experiência dos guias com o ambiente e biologia desses peixes pode fazer a diferença no aumento das capturas.

O almoço é realizado no rio mesmo e cabe aos guias de pesca separarem os lanches para os clientes durante a manhã, quando estão preparando os coolers e os apetrechos para a saída de pesca. No almoço, na medida do possível as lanchas se encontram e o lanche é feito sob alguma sombra às margens do rio. Conversas sobre como anda a pesca, técnicas utilizadas, número de capturas e outras conversas de pescador são contadas nesse momento para descontrair.

Alguns guias de pesca também preferem sofisticar e improvisar o almoço, preparando pratos diferentes. C

Acontece também, de todos os domingos serem dias para realizar o famoso assado. Nesse dia, o almoço é feito à beira do rio mas o alimento são os tucunarés borboletas capturados pelos próprios clientes pela manhã. Este dia é sempre muito esperado e também muito querido, pois os clientes têm a oportunidade de comer um peixe local pescado por eles mesmos e de forma tradicionalmente amazonense.

Enquanto os guias indígenas coletam lenhas e preparam o local para acender o fogo, os guias de pesca tratam os peixes para poderem então assar. Diz-se, por brincadeira, que nesse dia a pesca fica mais difícil, pois será necessário que ocorra capturas para o almoço.



Figura 43: Momento do almoço.



Foto: Everton Pires.

Figura 44: Preparando para assar o peixe na beira do rio.

Após o almoço os guias de pesca conduzem os pescadores até outro lago, onde provavelmente alguém já tenha pescado pela manhã. Portanto, durante o almoço, pode ser valiosa a troca de informações entre os guias a respeito de como fora a pesca pela manhã. Muitas vezes ocorrem ações de peixes que vêm à tona para pegar as iscas e acabam errando o bote ou escapando mesmo. Os guias podem então conversar entre eles para indicar aonde avistaram e tiveram alguma ação de peixe e estes podem tentar a sorte no mesmo ponto durante a tarde.

Às 17hs os guias devem retornar ao barco hotel. Normalmente o barco hotel se movimenta durante o dia. Por isso, ao saírem pela manhã os guias de pesca devem se informar com o capitão se o barco irá subir ou descer o rio, bem como o local de paragem. Assim, com o auxílio de GPS ou da sabedoria local dos guias indígenas, os guias de pesca conduzem a lancha para o local combinado em que estará o barco hotel.

Os guias devem auxiliar no desembarque de passageiros e a descer a tralha de pesca dos turistas. Depois, a embarcação deve ser lavada e abastecida para o dia seguinte, além de algum reparo mecânico se necessário.

Sempre que solicitado, os guias devem estar prontos para um acampamento. Alguns clientes querem ter uma experiência na selva e pedem para passar de 1 a 3 dias acampando. Algumas vezes, o motivo é para chegar a locais mais isolados, possibilitando, mais capturas e peixes maiores. Caso solicitado, é responsabilidade dos guias de pesca separar todos os materiais para acampamento, comidas e elaborar um roteiro de pesca.

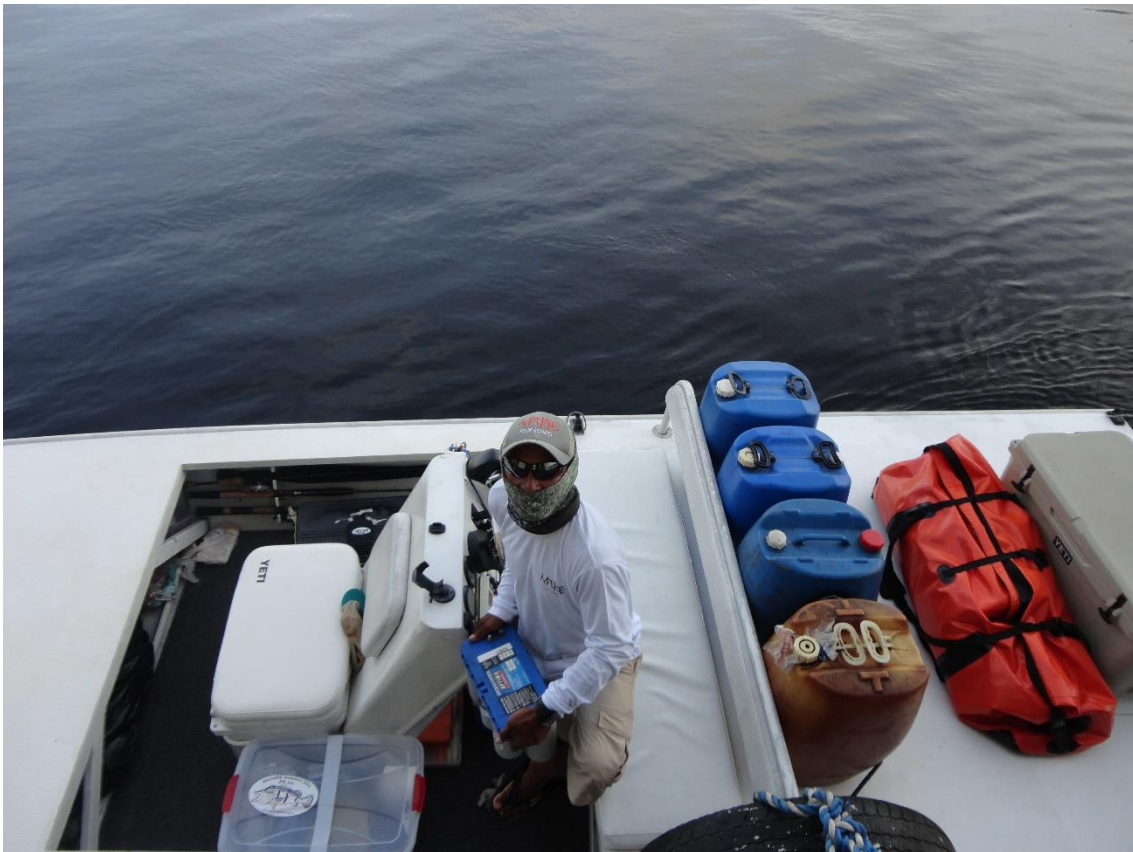


Foto: Éverton Pires.

Figura 45: Carregando a lancha para acampamento.



Foto: Éverton Pires.

Figura 46: Montando acampamento na floresta.

À noite, depois de um longo dia de pesca, os guias conversam entre eles e o guia líder decide aonde cada um irá pescar no dia seguinte, baseando-se na pesca do dia anterior e nas capturas.

No outro dia, toda a rotina é seguida novamente, repetindo-se até a próxima quarta-feira de toda a semana, onde todos se reúnem a noite para confraternizar a semana de pesca que passou e para contar seus causos de pescaria. Na quinta-feira os turistas se despedem e chegam novos clientes, retomando toda a rotina novamente.



Foto: Everton Pires.

Figura 47: Barco hotel da Untamed Angling.



Foto: Everton Pires.

Figura 48: Barco indígena.

Conclusão

A história do Projeto Marié e seu ordenamento pesqueiro realizado pela empresa Untamed Angling do Brasil pode ser relatada como um avanço nunca antes visto na história da pesca esportiva brasileira.

Graças ao monitoramento pesqueiro realizado em conjunto com o IBAMA, o potencial pesqueiro da região e a conscientização das comunidades locais, o Rio Marié se destaca por ser o destino da pesca esportiva com os maiores tucunarés do mundo, trazendo turistas globais em busca de um possível recorde mundial.

Aquele que trabalha no Rio Marié deve estar sempre pronto para um serviço árduo e que exige bastante esforço, embora que gratificante para quem busca maior contato com a natureza. Além disso, torna-se uma oportunidade única e privilegiada de se entrar em um território indígena, cujo acesso é restrito.

O convívio com os guias indígenas é de valor imensurável e de aprendizagem mútua, onde conhecimentos do rio e histórias de suas ancestralidades são repassadas cotidianamente.

O contato diário com turistas estrangeiros amplia uma visão global do mundo da pesca e consecutivamente traz um grande enriquecimento cultural.

Graças à forma participativa com que foi construído, atendendo aos interesses das comunidades, o caráter inovador e ousado do Projeto Rio Marié poderá servir de molde para futuras operações de pesca esportiva que buscam a preservação do meio ambiente, o bem-estar e sustentabilidade das comunidades indígenas e um padrão de qualidade que atenda até mesmo aos turistas mais exigentes.

Referências Bibliográficas

Bioscripts. Disponível em:
<https://www.bioscripts.net/2014/03/25/ocelo/>. Acessado em 25 de junho de 2017;

How To Catch Fish Network. Disponível em:
<http://www.howtocatchfishnetwork.com/fly-fishing-tips/how-to-select-good-quality-fly-fishing-tackle-from-all-this-fishing-gear/>. Acessado em 25 de junho de 2017;

Socioambiental.org. Disponível em:
<https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/projeto-de-turismo-comunitario-de-pesca-no-rio-marie-am-define-parceria-e-deve-comecar-este-ano>. Acessado em 25 de junho de 2017;

Espaço Pesca. Disponível em:
http://espacopesca.com.br/?page_id=116. Acessado em 25 de junho de 2017;

Acute Angling. Disponível em:
<http://www.acuteangling.com/amazon-gamefish-science/research-conservation/color-cichla-temensis.html>. Acessado em 25 de junho de 2017;

Fin Chasers. Disponível em:
<http://fin-chasers.com/#214>. Acessado em 25 de junho de 2017;

A Crítica. Disponível em:
http://acritica.uol.com.br/amazonia/Amazonia-Amazonas-Manaus-Indigenas-Amazonas-esportiva-PF-acusados_0_595740842.html. Acessado em 25 de junho de 2017;

FOIRN. Disponível em:
<https://foirn.wordpress.com/projetos/turismo-de-pesca-esportiva-no-rio-marie-condicoes-para-empresas-interessadas/>. Acessado em 25 de junho de 2017;

Outras Palavras. Disponível em:
<http://outraspalavras.net/outrasmidias/destaque-outras-midias/amazonas-como-os-indios-vaio-testar-turismo-ecologico/>. Acessado em 25 de junho de 2017;